

Silvia Bleichmar: a força e a ternura

Começo dos anos 90, surge no Sedes uma psicanalista argentina, militante, uma mulher pensadora da cultura.

Foi em um evento realizado em nosso Departamento de Formação em Psicanálise. Convidamos Silvia para uma jornada de trabalho para falar sobre a “Heterogeneidade do inconsciente”. Coube-me o prazer de apresentá-la. Abri a jornada lendo seu extenso currículo para um público que lotava o auditório do Sedes. Nem podia imaginar o que viria depois desse acontecimento.

Silvia Bleichmar iniciou sua fala, e falou mesmo. Por duas horas, discorreu sobre a metapsicologia, sobre as representações e sobre o estatuto das representações originárias. O tema seria árduo, se não fosse Silvia falando. Discorria desde sua vasta experiência clínica com muito entusiasmo. Posso asseverar que, durante todo o tempo, não olhou para nenhuma anotação. Os conceitos, a clínica, estavam integrados nela de tal maneira que nos conduziu com muito interesse.

Durante a tarde, em grupo menor, o encontro foi dedicado aos casos clínicos. Pudemos, então, ter o privilégio de aceder à construção do seu pensamento clínico e de sua forma de escuta. Como depois ouvi dela própria, um analista produz alta costura, e não *prêt-à-porter*.

De fato, foi um acontecimento. Silvia nos contaminou com seu entusiasmo, com o rigor em sua postura e a proximidade a seu paciente. Como um portal que se apresenta, ela reacendeu em nós o desejo de viajar com ela pela psicanálise.

Naquela noite, voltou a Buenos Aires.

Pouco tempo depois, fomos a Buenos Aires para um colóquio sobre o pensamento de Silvia Bleichmar. Encontramos grupos de psicanalistas de Buenos Aires, Rosario, Córdoba, Chile, Uruguai e Brasil. Silvia nos recebeu com um jantar mexicano! Cozinheira de mão cheia, gostava de cozinhar e colocava na preparação dos seus pratos a mesma dedicação e seriedade que dedicava a seu trabalho intelectual. Os tacos recheados com guacamole, o perfume dos temperos mexicanos, eram uma das demonstrações de seu amor pelo México, assim como a infinidade de figuras de barro e quadros da cultura mexicana que testemunhavam um importante momento de sua vida.

* Psicanalista. Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo.

Logo em seguida, duas amigas e colegas do Sedes, Cristina Perdomo e Alicia Brasileiro de Mello, tiveram a iniciativa de formar um grupo de trabalho para estudar o pensamento de Silvia Bleichmar. Começamos um longo, fecundo e enriquecedor intercâmbio que durou até quando sua doença, já avançada, impediu-a de prosseguir com suas viagens.

Convivi nesse período com uma brava mulher que lutava por seus ideais, trazidos e mantidos desde a sua adolescência. Queria promover uma mudança que fizesse com que o mundo se tornasse menos injusto e desigual. Em uma Argentina efervescente do início da década de 70, com a juventude disposta a levar adiante um projeto de tornar o mundo melhor, compartilhando o sonho de um mundo menos indigno. Silvia estava entre eles. Essa proposta não foi factível, e o México a acolheu. Essa luta lhe custou o exílio no ano de 1976.

Foi assim que o México entrou em sua vida e se manteve em seu coração. Gratidão pela “acolhida”, novos laços de amizade e sobretudo um trabalho fantástico que realizou junto a seu marido, também psicanalista, Carlos Schequerman, com os atingidos pelo terremoto que o México sofreu em setembro de 1985.

Era uma militante, aplicava seus instrumentos intelectuais para somar forças no espaço público. Nossa América Latina tão escandalosamente desigual doía-lhe na alma.

De volta a seu país, continuou a ocupar um lugar combativo na sociedade e escreveu *Dolor país* (Bleichmar, 2002), parodiando o índice “risco país”. Era sua maneira de demonstrar indignação.

E lembremos também como se implicou no trabalho de atendimento aos afetados no atentado contra a Amia em Buenos Aires. Com sua experiência mexicana, levou adiante um trabalho ímpar, nesse momento doloroso do seu país.

E a Silvia leitora voraz? Nutria seus pensamentos com autores diversos, desde o paleontólogo Stephen Gould, a Sartre ou Cortázar. Seu prazer pela leitura era contagiante. Também era uma cinéfila contumaz. Suas aulas estavam repletas de menções a filmes ou a textos literários. Para ela não havia escassez de tempo. Sabia que a vida não era longa e por isso aproveitava cada segundo. Não sabia que seria tão curta.

Sentimos sua perda! Ela nos deixou com saudades!

Referências

Bleichmar, S. (2002). *Dolor país*. Buenos Aires: Libros del Zorzal.